



**A crucificação do corpo travesti: a imagem profana na  
circulação midiática<sup>1</sup>**  
**Crucifixion of the transvestite body: profane image in  
mediatic circulation**

Marlon Santa Maria Dias<sup>2</sup>

Alisson Machado

**Palavras-chave:** mediatização; circulação; imagem; travesti.

O ponto de partida deste trabalho é a performance realizada pela atriz e modelo transexual Viviany Belebony durante a 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em 7 de junho de 2015. A atriz, que desfilou no trio elétrico da organização não governamental Ação Brotar pela Cidadania e Diversidade Sexual (ABCDS), prendeu-se a uma cruz, onde se lia no topo “BASTA HOMOFOBIA GLBT”, encenando o sofrimento de Jesus Cristo (Figura 1). Segundo Viviany, sua intenção não era atacar a Igreja, mas “representar a agressão e a dor que a comunidade LGBT tem passado”<sup>3</sup>. Logo, fotos de sua performance começaram a se espalhar nas redes digitais, tanto em matérias jornalísticas quanto em páginas ligadas a grupos religiosos e grupos LGBT.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. Integra o grupo de pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (UFSM/CNPq). marlon.smdias@gmail.com

<sup>3</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/transexual-crucificada-na-parada-gay-diz-em-video-ter-sido-agredida.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais



**Figura 1: Viviany durante performance na 19ª Parada do Orgulho LGBT, junho de 2015. Fonte: Reuters/João Castellano.**

A encenação de Viviany tornou-a centro de uma polêmica referente ao que os críticos à sua performance chamaram de “profanação de símbolos cristãos” e “cristofobia”. Uma das manifestações com maior reverberação foi a do pastor e deputado federal Marco Feliciano, que publicou em sua página no Facebook algumas fotos de protestos da comunidade LGBT que remetem à iconografia cristã, dentre elas a de Viviany, nomeando-as como “imagens que chocam, agriem e machucam”<sup>4</sup>. O caso tornou-se pauta midiática e a atriz passou a ser designada nas matérias jornalísticas como a “travesti crucificada”.

Nos dias seguintes à Parada, a atriz denunciava em suas entrevistas e postagens em redes sociais as ameaças que vinha recebendo em decorrência da performance. A

---

<sup>4</sup> Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/transexual-crucificada-na-parada-gay-diz-em-video-ter-sido-agredida.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

informação que ela teria sido assassinada espalhou-se nas redes e ela manifestou-se, três dias depois, negando o boato da morte e dizendo ironicamente que havia “ressuscitado no terceiro dia”<sup>5</sup>. Um mês depois, em manifestação pública em repúdio ao crescente número de assassinatos das populações LGBT, um padre e um pastor evangélico lavaram os pés de Viviany em ato simbólico<sup>6</sup>. Em agosto daquele ano, Viviany, visivelmente machucada, publicou um vídeo no qual relata que havia sido agredida na rua, com tentativa de esfaqueamento. Um ano depois, na Parada do Orgulho LGBT de 2016, Viviany fez uma nova performance, dessa vez representando a Justiça e segurando nas mãos uma Bíblia cuja capa trazia a imagem de uma cruz sangrando e a frase “Bancada evangélica: retrocesso”<sup>7</sup>.

O caso sintetizado acima nos instiga uma postura reflexiva. Primeiro, pela potência incendiária, nos termos de Butler (2015), das imagens. Nas disputas de sentido entre o sagrado e o profano, há uma constante remissão à iconografia tradicional cristã. O caso, portanto, não está circunscrito à performance em si, mas a uma reverberação que aciona múltiplos sentidos e se estabelece numa zona de embates discursivos. Segundo, justamente por não estar circunscrito ao fato em si, mas sim às reverberações que o constituem, o caso nos instiga a pensa-lo enquanto acontecimento (QUERÉ, 2006; FRANÇA, 2012). Sua constituição narrativa se inscreve num complexo ambiente de circulação midiática e se dá, por conta disso, em texturas narrativas próprias das redes digitais (HENN, 2013).

A partir de tais premissas, o artigo busca refletir acerca da circulação midiática do corpo travesti a partir da investigação sobre os movimentos de circulação das

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/viral/eboato-que-transsexual-que-saiu-crucificada-na-parada-lgbt-foi-morta-16421365.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/06/pastor-e-padre-lavam-pes-de-travesti-crucificada-na-parada-lgbt.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>7</sup> Fonte: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral/crucificada-em-2015--modelo-leva-biblia-para-parada-gay-em-sp,10000054035>. Acesso em: 10 jan. 2018.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

imagens da “travesti crucificada”. Para tanto, as questões que mobilizam este artigo são: quais sentidos são acionados quando as imagens da “travesti crucificada” são inscritas nos processos de circulação? O que essas imagens dizem sobre aquilo que se considera profano e sagrado em nossa sociedade?

O caso em análise se desenvolve num ambiente marcado pelas injunções da midiatização da sociedade. Partindo de uma perspectiva que tem a midiatização como orientação teórico-epistêmica, consideramos a imbricada relação entre os processos comunicacionais e as práticas e os contextos sociais. Nesse sentido, entendemos midiatização como um processo de crescentes e progressivas afetações de lógicas de uma cultura midiática no ordenamento discursivo dos campos sociais, reconfigurando e dinamizando as práticas dos atores (MATA, 1999; FAUSTO NETO, 2008). Para Verón (1997), esses processos de afetação, ou seja, os vínculos estabelecidos entre mídias, instituições e atores, inserem-se em lógicas nas quais os campos não apenas instituem relações, mas também são influenciados pela natureza processual com que as interações são geridas.

Uma possível caracterização da sociedade midiatizada é o funcionamento de “um novo tipo de real, cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem através de laços sociais, mas de ligações sociotécnicas” (FAUSTO NETO, 2006, p. 3). Essa visão contraria as teorias que preconizavam uma unificação do consumo e das práticas sociais a partir da convergência tecnológica. Para Fausto Neto (2006, 2008), a midiatização aponta para outro caminho, bastante complexo e incompleto, de descontinuidades e segmentação, uma outra forma de sociedade fragmentada e heterogênea. Por essa perspectiva, as lógicas midiáticas não estão mais restritas ao campo das mídias, mas se transformam em práticas e usos dos atores sociais midiatizados (ROSA, 2017).

A orientação epistêmica da midiatização nos permite formular questões sobre as disjunções entre produção e reconhecimento, clássicas instâncias dos modelos funcionalistas de comunicação. Essa orientação afasta progressivamente a noção de



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

circulação como uma “zona de passagem”, marcando uma nova arquitetura comunicacional na qual a circulação é entendida pelas descontinuidades entre as lógicas de produção e de reconhecimento, num processo de acoplamentos que, longe de apontar para uma convergência de sentidos, se realiza “segundo postulados de divergência” (FAUSTO NETO, 2015, p. 21).

Alinhamo-nos a essa perspectiva latino-americana da mediatização, que tem como um dos seus eixos centrais de investigação a circulação como objeto de pesquisa (FERREIRA, 2016). Como aponta Fausto Neto (2015), a produção de mensagens (verbais, imagéticas etc.) segue processos discursivos singulares, que tomam novas formas quando se embatem e são afetados pela complexidade do trabalho de circulação, processo contínuo, em fluxos incessantes, especialmente nos ambientes digitais.

Ao refletir sobre a circulação das imagens nesses cenários de interação mediatizados, Rosa (2017, p. 7) sinaliza que as instituições midiáticas, não midiáticas e os atores sociais “encontram condições de produzir circuitos nos dispositivos que usam e partilham, construindo novas camadas de sentido sobre aquilo que já foi inicialmente inserido na circulação”. Nesse sentido, é possível pensar os modos com que a circulação impacta também os regimes de visibilidade e de visualidade, ou seja, na configuração das agendas públicas e das inteligibilidades contemporâneos.

Os acontecimentos midiáticos também se reconfiguram na sociedade mediatizada, ao passo que sua construção está relacionada à produção discursiva em circulação. Nesse cenário, uma mesma imagem é disputada e acaba por produzir diferentes sentidos em função dos múltiplos referenciais pelos quais ela pode ser compreendida. Esse processo se relaciona ao poder hermenêutico do acontecimento (QUERÉ, 2005), inscrevendo-o numa dialética do agir-sofrer: o acontecimento não apenas provoca deslocamentos na vida das pessoas que são afetadas por ele, como também pode ter seu curso alterado, inclusive por essas mesmas pessoas (CARVALHO, 2015).



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

Para Quéré (2005), só há acontecimento porque ele afeta (acontece a) alguém, “ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade” (FRANÇA, 2012, p. 13). É nesse sentido que compreendemos o caso em análise: um acontecimento que irrompe a partir da imagem da “travesti crucificada”, posta em circulação em diferentes circuitos.

Para compreender tal fenômeno, partimos de uma proposta metodológica que conjuga a análise da construção de casos midiáticos com a semiologia proposta por Verón (2005). Ford (1999) entende caso midiático como uma instância que sucede em nível individual/microsocial, que é exposta mediante uma estrutura discursiva e se constitui enquanto modelo narrativo. Para a apreensão do caso, Ford detalha alguns procedimentos de categorização, num movimento com foco nas tematizações e na circulação de sentidos. Por esse caminho, utilizamos a semiologia como ferramental teórico-metodológico, analisando o modo como diferentes materialidades discursivas são construídas nesses trânsitos entre múltiplas ambiências.

Por esse percurso metodológico, o artigo investe em refletir a partir de Butler (2015) o modo com que os enquadramentos interpretativos incidem sobre as imagens nos regimes midiáticos e como, através deles, se articulam biopolíticas de manutenção da precarização da vida e de redes de apoio deficitárias a certas populações, bem como formas diferenciadas da produção social/simbólica da precariedade. O potencial incendiário da circulação dessas imagens é alimentado pelas lógicas midiáticas que tanto definem quanto interditam as formas de reconhecimento dos sujeitos e de produção da alteridade.

O ato de crucificação da travesti na Parada instaura um tensionamento entre o campo religioso e os movimentos LGBT. Ao personificar a figura do principal mártir da tradição cristã, Viviany ressignifica o suplício cristão e o transpõe para a população LGBT, sobretudo as travestis, grupo subalternizado e alvo de constantes violências. A



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

imagem disruptiva aciona sentidos que oscilam ora entre uma ideia de profanação, ora com uma ideia de sagrado.

Entender o caso enquanto um acontecimento que se desenvolve na/pela mediatização possibilita reconstruí-lo a partir das relações entre a produção discursiva das instituições midiáticas e não midiáticas (como se observa na Figura 2) e dos atores sociais mediatizados (Figura 3).



**Figura 2:** Página do jornal Diário de Pernambuco destaca reação de deputado às imagens da travesti crucificada. Fonte: Blog Sognare Lucido



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais



**Figura 3: Produção artística. Fonte: Wonderful World of Alpaca/Facebook**

Além disso, a interdição dos sentidos que poderiam unir a imagem da travesti com a identificação do sagrado está associada à seletividade de quem pode representar, ou ainda à retirada da humanidade do rosto de um Cristo-travesti, via interpretação por ofensa ou insulto das imagens da performance. Nesses casos, a desaprovação não é tomada apenas pela representação em si, mas pela identificação da representante com o que não pode ser representado. Nesse sentido, a aparição desse Cristo é tomada enquanto um corpo maligno, “e o mal que o rosto é se estende ao mal que pertence aos humanos em geral, mal generalizado” (BUTLER, 2011, p. 27). Nas dinâmicas de circulação, principalmente através das redes digitais de interação, acelera-se um processo que além de descontextualizar a imagem, a toma como autorreferência de blasfêmia, na qual “o “eu” que vê o rosto não se identifica com ele: o rosto representa algo com o que nenhuma identificação é possível, uma realização da desumanização e uma condição para a violência” (BUTLER, 2011, p. 27).





## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

Esse processo de circulação aponta ainda para disputas, nos termos dados por Agamben (2007, p. 66) à profanação. Da travesti que se dá a morrer, mais pelo apelo à atenção aos sofrimentos das populações LGBT do que pela redenção de seus não-pecados, e que pela mídia ressuscita, “o essencial é o corte que atravessa as duas esferas [profano e sagrado], o limiar que a vítima deve atravessar, não importando se num sentido ou noutro”. Essa antítese não implica a separação evidente do estatuto profanável desses gestos, mas os usos pelos quais os sentidos que se disputam constituem o limiar entre o icônico sagrado (do Cristo crucificado), a mais profana das imagens (da “travesti crucificada”) e o sagrado profanado (da vida e das imagens) das travestis.

### Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BUTLER, J. Vida precária. **Contemporânea**, n. 1, v. 1, p. 13-33, 2011.

\_\_\_\_\_. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? RJ: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHO, C. A. Afetar e ser afetado pelo acontecimento: coberturas jornalísticas da Aids e impactos sociais. **Intercom/RBCC**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 253-272, jul./dez. 2015.

FAUSTO NETO, A. Mídia e prática social: prática de sentido. In: Encontro Anual da COMPÓS, 15, Bauru/SP. **Anais**. 2006.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de uma “analítica” da mídia. **Matrizes**, São Paulo, n. 1, p. 89-105, 2008.

\_\_\_\_\_. Recepção, 'corpo-significante' em circulação. In: BRIGNOL, L. D.; BORELLI, V. **Pesquisa em recepção**: relatos da Segunda Jornada Gaúcha. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015, p. 17-24.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

FERREIRA, J. A construção de casos sobre a mediatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galaxia**, São Paulo, n. 33, p. 199-213, set.-dez. 2016.

FORD, A. **La marca de la bestia**: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1999.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

HENN, R. C. O ciberacontecimento. In: VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013, v. 4, p. 31-48.

MATA, M. C. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**, n. 56, Lima: Felafacs, 1999.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**. Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

ROSA, A. P. O êxito da gula: a indestrutibilidade da imagem totem no caso Aylan Kurdi. **E-compós**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 1-22, maio-ago 2017.

VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, n. 48, Lima: Felafacs, 1997.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.